

JOSÉ CARDOSO PIRES:

«Que milagre de compreensão aconteceu?»

O que me ocorre agora sobre Irene Lisboa? Dezenas de coisas: morte, literatura, incomodidade... Dezenas, dezenas de coisas. Claro, no meio de tudo

isso surge a consagração post mortem, o reconhecimento de uma voz que venceu, que tinha de vencer, o tempo. Uma voz que foi solitária, um traço desgarrado no paisagem. E então uma pessoa interroga-se, quer queira, quer não, sobre o preço da glória e sobre os acasos, oportunidades e o tempo útil da glória — e pergunta-se: que milagre de compreensão aconteceu para que uma voz solitária se veja subitamente reconhecida pela assembleia dos letrados? Como é que escrevendo toda a vida a palavra «solidão» uma escritora se vê tão rodeada de compreensão e afecto geral?

Bem sabemos que, em toda a parte, a recuperação dos desprezados é um hábito generoso e que, apesar

de tudo, mais vale isso do que o olvido a longo prazo. Mas até por essa circunstância o sincero admirador sente a urgência de meditações de amargura no

meio dos aplausos unânimes.

Por mim, a par e passo peço nos Contarelos, no Pouco e o Muito e etc., etc., e, não há dúvida, raros prosadores dispuseram de um ouvido tão feliz na captação da voz da realidade. Por isso, por essa memória de verter a palavra comum com a música e a gama de intenções que lhes são próprias, o estilo de Irene Lisboa revela uma oralidade inconfundível (embora trabalhada) que serve maravilhosamente à sua temática, que é da reabilitação do lugar-comum das apagadas criaturas anónimas.

Mas a lição de Irene Lisboa não fica por aqui. Em relação aos escritores mais novos ela deixou uma exemplaridade de ofício



José Cardoso Pires

(Continua na 19.ª pág.)

JOSÉ CARDOSO PIRES

(Continuação das pag. centrais)

que talvez se possa resumir nestas poucas linhas:

«Transmitir, como ela genialmente soube, a verdade dramática em planos simultâneos; dar o jogo movimentado do narrador na convivência da acção romanesca das personagens; recusar o impulso fácil e ser profunda e linear, e descontraída e sábia — tudo isso é raro e

corajoso no atormentado officio de escrever. Daí que a obra de Irene Lisboa e a geografia tão portuguesa em que assenta, sem folcrismos nem demagogias, sejam sempre objecto de meditação para qualquer escritor da nossa terra. E a verdade é que só uma posição artística tão elaborada pode organizar em crónica ou em testemunho literário a magnifica singularidade da vida e a complexa força da palavra ingénua».

Copiei este último parágrafo de uma resposta que dei há anos a um inquirido. Sei porque o fiz. Porque, passado tanto tempo, ao senti-lo com a mesma convicção com que na altura o redigi, descubro na permanência dessa opinião a mais indiscutível e sincera prova de homenagem.